



O Basileos, o Imperador e o Patriarca: a sinfonia Bizantina na configuração dos ritos.

Dr. Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)
Programa de Pós-Graduação em Ensino

1 A figura do Imperador e do Patriarca no Império Bizantino

A história do Império Bizantino não pode limitar-se a um inventário e a uma análise sobre o movimento de cristianização do Império Romano Oriental nas quais se fixaram a experiência e o entendimento da profissão de uma fé. O modo diferenciado de se entender o cristianismo oriental, explica-se pela composição institucional hierarquizada entre o Imperador e seu séquito, os clérigos e religiosos, formulada em códigos escritos, gestos, cantos, representações iconográficas etc., que passou a ser conhecido como a *Era do Ouro de Bizâncio*, ou a *Era do Bizantinismo*.

Duas personagens em aliança caracterizam a Era Bizantina. O Imperador e o Patriarca, como dois expoentes que governam em rede e em constante gemação. Investidos de um poder sobrenatural pela virtude da sagração, o Patriarca e o Imperador e seus respectivos séquitos, também se consideravam como responsáveis pela salvação do seu povo e pretendiam reger o Império como se regessem estruturas de autoridade pública, centralizadoras e reguladoras. No mundo bizantino, o pertencimento a uma igreja e a um império tornava o cristianismo também uma questão de práticas protocolares exteriores e de obediência a preceitos religiosos de natureza social, onde a capacidade de síntese dos agentes de poder superava toda e qualquer forma de organização precedente no mundo oriental.

Na realidade, nessa época, a fé era considerada, antes de tudo, como um *depositum* que os agentes constituídos de poder tinham o dever de preservar e transmitir - à medida que fossem aprovadas em Concílios- em sua integralidade. Para tanto, o lugar



dessa evidência se dava dentro das catedrais em cujo tronos Patriarca e Imperador pontificavam. Assim, o imperador aliançado com o Patriarca reunia e presidia não só cerimônias, como também encabeçava grandes encontros de bispos, os Concílios Ecumênicos, esses formuladores de verdades acerca de um cristianismo dogmatizado, sob a égide da titulação imperial do *Basileus*.¹ A princípio, organizados para decidir pontos de doutrina, os Concílios, por vezes, serviram também para impor a vontade dos soberanos, quando multiplicavam prescrições e exortações sobre a vida social dos clérigos e leigos. Nesse tempo de interferências do imperador, a própria concepção do sacerdócio era fortemente influenciada pelo modelo do serviço cultural.

Homem de prece e de sacrifício, mais do que de pregação ou de testemunho, o padre bizantino aparecia qual um especialista do sagrado, um ritualista escravo das rubricas criadas pelos manuais de corte, a fim de melhor emparelhar o andamento das liturgias, um *expert* do fluxo celebrativo. Por isso, homem de reza e dos estudos, o clérigo também se distinguia na sociedade pelo conhecimento que tinha dos ritos e das fórmulas eficazes de celebrações dos sacramentos. A reza da Divina Liturgia (o que hoje equipara-se à Missa), do batismo, dos casamentos e, a partir do século XII, das Confissões individuais, anuais e obrigatórias², faziam parte de um cotidiano nem sempre desejado por todos os embatinados. Até porque a corte lhes era mais atrativa e vista como um trampolim que poderia elevá-los a postos mais altos na hierarquia. Peritos da precisão, os melhores clérigos eram escolhidos pela corte para serem os cerimoniários oficiais do Patriarca e do Imperador bizantinos. Por causa da possibilidade de ascensão na carreira eclesiástica, a própria evolução do sacramento da ordem traduzia certa tendência de elitização clerical, em que a distinção entre os ministros regulares do culto e os ministros imperiais e patriarcais marcavam fronteiras de enobrecimento. Os privilégios dados aos cerimoniários oficiais da corte bizantina faziam desses sacerdotes personagens separados da maioria clerical e candidatos fortes ao episcopado das mais importantes sedes.³

¹ De etimologia grega, βασιλεύς é o título do soberano no Império Bizantino.

² LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 94.

³ AHRWEILER, H. **L'idéologie politique de l'Empire byzantin**. Paris, 1975.



Se o que fornecia a fundamentação do poder imperial, a motivação básica e a justificativa de políticas de mando eram uma forma de redesenho do cristianismo oriental, respingos de privilégios dessa religião ritualizada chegavam aos cerimoniais. O primitivo cristianismo, perseguido e espoliado pelos romanos era aos poucos atenuado, enquanto outro tipo mais faustoso o substituía pelo o de Constantinopla, e que mais tarde, a partir do século XII e XIII, chegara ao apogeu no Ocidente Latino, com Carlos Magno e Bonifácio VIII, papa de Roma.

Reinventado sob cetro do imperador e as bênçãos e os cajados cravejados de pedras preciosas de seus bispos e hierarcas, o cristianismo protocolar e elitizado ganhava as credenciais para se impor, no Oriente, como um sistema de crenças monoteísta em um Império confessional, enquanto no Ocidente, credenciava a Igreja a ser o *Corpus Christi Juridicum*.⁴ Essa identidade fortemente marcada por um único selo de pertença religiosa interpolada a um organograma de Império ganhava ares de enobrecimento pelo desenrolar das celebrações litúrgicas, tanto no Oriente quanto no Ocidente, no período Medieval.

O império Romano do Oriente e a Igreja bizantina, na pessoa do Imperador e do Patriarca governavam uma civilização cristã reelaborada, vestida com os apanágios de corte, que procuravam afirmar uma personalidade. A importância da obediência ao Imperador e ao Patriarca da sede Constantinopla era tal que se repercutia nos rituais e, posteriormente à celebração, no cotidiano das famílias, na vida política e social dos fiéis. Os cânones imperiais e eclesiásticos aprovados pelos Concílio de Constantinopla, no ano 381, e pelo Concílio de Calcedônia, no ano 451, chancelavam que, tanto o Imperador quanto o Patriarca eram intérpretes infalíveis das verdades divinas e humanas e por isso desfrutavam das prerrogativas de primazia.⁵ Nesse jogo de poderes e arranjos, de cedências e de imposições, de protocolos e rituais, sobressaía a aliança entre ambos.

A concórdia entre o império e a religião cristã fundamentava a civilização e a mentalidade bizantinas, o que contribuía para a concepção de um Estado que era reflexo de uma organização celestial na terra, uma antecipação do Reino dos Céus e uma cópia

⁴ KANTOROWICZ, Ernst H. **Os dois corpos do rei**: um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 128.

⁵ FRANCO JR, Hilário. **O império bizantino**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985, p. 14



imperfeita que preparava todos para o Paraíso.⁶ Por isso tudo girava em torno do bom preparo e excelente andamento das liturgias, recepções protocolares, celebração de conquistas, casamentos, nascimentos, mortes e festejos imperiais. A dramatização e a teatralização dos acontecimentos faziam robustecer cada vez mais as liturgias pontificais, enaltecidas das figuras do Imperador e do Patriarca, representantes do Transcendente para os súditos. Os livros litúrgicos e rituais deixavam explícito que, com o consórcio entre Igreja e Império, Constantinopla firmava-se junto com Roma - e, por vezes, disputando com ela alguns privilégios - a distinção de sede primacial do cristianismo. Daí decorre que muitas das concepções políticas da Era Bizantina estavam intimamente ligadas a um sistema de pensamento político com a qual o império e a igreja se confundem. Assim, a visão de um mundo organizado por sedes confessionais, já experimentado no lado Ocidental por Roma, fora reinventado sob nova configuração religiosa.⁷

Parece que quanto maior o número de adeptos a uma ideia, mais improvável será sua contestação. Ao se aprovar ou reprovar enunciados sistematiza-se o conteúdo do que deva ser afirmado, repercutido, ao mesmo tempo na construção de parâmetros para relegar o negado. Em Bizâncio, as palavras do Bispo e do Imperador sentenciavam discursos, falavam ao peso da lei e, por isso, surtiem em efeitos de uma governança aliançada. Tanto os súditos do imperador quanto os fiéis da Igreja misturavam-se em pertencimentos aparentemente duais, mas peculiarmente uníssono, até porque não se poderia conceber um cristão bizantino sem a anuência às leis imperiais e vice-versa. Fiéis e súditos constituíam-se então, sujeitos do próprio processo de interpolação identitária que subjetivava e reelaborava pertencimentos entre Igreja e Império.

Os ritos mostravam essa aliança, esse consórcio entre instituições que agiam em nome de uma fé cerimoniosa. O espetáculo religioso tinha lugar e tempo certos para a exposição: as Catedrais e o Salão Nobre do Palácio imperial. A entrada solene do imperador, por exemplo, dava-se junto com a do Patriarca. Nas catedrais, o Patriarca ocupava o trono do lado direito estando a sua frente o do Imperador. No Palácio, o trono

⁶ FRANCO JR, Hilário. **O império bizantino**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985, p. 13.

⁷ CUROPALATA, Codinus G. **De officiis magnae Ecclesiae et aulae constantinopolitanae** Venezia 1729.



do imperador estava à frente de todos enquanto o lugar de distinção do Patriarca era a sua esquerda. Após a entronização do Imperador e do Patriarca, os clérigos se aproximavam de ambos para beijar-lhes as mãos. Sem levantar a cabeça, se aproximavam em dupla do Patriarca, inclinavam-se e prostravam-se até o chão para, em seguida, fazer o mesmo com o Imperador.

O tempo também era um fator que contava para manifestar majestaticamente a visibilidade da vontade de Deus nas pessoas dos soberanos. Os calendários da Era bizantina em nada se assemelhavam aos de hoje. Não eram divididos e subdivididos em anos, meses e dias e não obedeciam uma sequência linear da contagem do tempo. Eram cíclicos, espiralados, oscilante e repetitivo. Os grandes ciclos da colheita, da plantação, da sementeira ditavam os grandes períodos de festejos, de trabalho, de descanso; e nesse aspecto a religião, com suas homenagens aos deuses pagãos, também contribuía.⁸ Com a Era bizantina, o calendário religioso, reconfigurado das premissas desse inventário de devoções estranhas ao cristianismo, ganhava santos e intenções da nova fé que reelaboravam as datas. Nas mais importantes, como Natal e Páscoa, o Patriarca e o Imperador compareciam; nas demais, somente em circunstâncias que lhes interessavam.

2 O Império Bizantino e os outros legados

O termo *Bizantino* foi cunhado pelo historiador humanista alemão Hieronimus Wolf (1518-1580) para distinguir o Império Romano ocidental daquele governado no Oriente em Bizâncio ou Constantinopla. Para além dos ritos de cunho eclesiástico, a era bizantina deixou contribuições para a cultura oriental, e que chegaram ao Ocidente onde fixaram-se também nos modos de percepção e de sentir e viver o cristianismo. O imperador Constantino, o Grande (306- 337) escolheu Bizâncio, no Bósforo, para ser o local da nova capital do Império romano em 324. Em 330, com a transferência do Senado e da corte imperial de Roma para Bizâncio, e com a mudança do nome da cidade para Constantinopla (a polis ou a cidade de Constantino), Roma cada vez mais distanciava-se do centro das atenções políticas, por isso, relegada a uma segunda

⁸ FRANCO, Jr., Hilário. **O ano 1000. Tempo de medo ou de esperança?** São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 9.



importância. Muitos fatores contribuíam para que a nova capital do Império tornasse ponto de convergência de interesses variados. Geograficamente estava situada em uma junção da Europa e Ásia, para onde confluíam rotas comerciais do Oriente e do Mediterrâneo; militarmente, a região era propícia para melhor proteger as províncias romanas do Egito, a Terra Santa, Síria e os Balcãs de poderosos inimigos do império, os persas.⁹

Constantino foi o primeiro imperador do Império Romano no Oriente. Na Batalha da Ponte Mílvia, em 312, derrotou aquele que era seu impedimento para governar o Oriente, Maxêncio. Depois de uma visão da Cruz de Cristo no céu, acreditava que Deus o levou à vitória. Em 313, reconhecendo a assistência divina que tinha recebido, fez do cristianismo uma religião legal no Império. Sob seu governo várias grandes igrejas foram construídas, em locais sagrados para os cristãos, incluindo a igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém (erguida no local onde Cristo teria sido crucificado) e São Pedro, em Roma, construída sobre o cemitério, fora dos muros da cidade, onde o apóstolo teria sido enterrado. Construiu também *Hagia Sophia* (Santa Sabedoria), catedral erguida no coração de Constantinopla, entre o palácio imperial e o Senado. Lentamente e com alguma resistência, os deuses da antiguidade pagã eram substituídos pelo Deus cristão.¹⁰

Mesmo assim, durante o breve reinado, 361-363, do imperador Juliano, o Apóstata, tentou-se restaurar a antiga ordem romana de adorar deuses do mundo clássico. No final no século IV, no entanto, o cristianismo já era a religião oficial do Império. Mais e mais objetos ricamente decorados com imagens cristãs eram criadas, tanto para uso eclesiástico como para o da corte. Mesmo como o triunfo do cristianismo, a elite educada em Bizâncio continuava a invocar o direito romano de se manter um Estado altamente organizado, centrado em suas grandes cidades e apoiado pela riqueza e densa população dos territórios orientais.

Atualizou o idioma latino para o grego, que se tornou o oficial do governo. A cultura grega aos poucos foi se impondo, especialmente na literatura e nas artes visuais.

⁹ ANIN, R. **Constantinople byzantine**. Développement urbain et répertoire topographique. (Archives de l'Orient Chrétien, Paris 1964.

¹⁰ OSTROGORSKY G. **Storia dell'impero bizantino**. Torino, 1993.



Escolas passavam a ensinar filosofia, literatura clássica e História. Em meados do século VI, o imperador Justiniano I, recuperou muitas das antigas terras romanas no Ocidente. Ravena, não Roma, naquele agora, servia de capital ocidental do império onde o comércio e as rotas marítimas se estendiam da Europa ocidental à China. As tradições artísticas do Império Bizantino floresciam gradativamente, cooptando das terras conquistadas as inspirações artísticas. O Egito foi uma fonte de vasta riqueza para os bizantinos. Forneceu muito do grão que alimentou as cidades do Império. O mais fino linho, feitos de linho, eram tecidos no Egito, e o mais precioso mármore, o porfírio, era extraído próximo ao Nilo. Alexandria, na foz do Nilo, tornou-se um recanto cristão em 382. A cidade instituía-se um dos cinco grandes centros da Igreja cristã (os outros eram Roma, Constantinopla, Antioquia e Jerusalém). O Egito, onde homens como Santo Antônio, o Grande experimentaram a vida ascética e contemplativa, foi também a fonte do monaquismo cristão. Nascido no Egito. São Pacômio escreveu as primeiras regras para a vida em comunidade. Em 451, debates teológicos divergentes acerca da natureza de Cristo (humana e divina) no Concílio de Calcedônia levou a Igreja cristã do Egito a separar-se de Constantinopla, passando a ser conhecida, a partir do século VII, por Igreja Copta.¹¹

Com base nos códigos romanos, Bizâncio deixou também para o mundo algumas de suas novidades que extrapolaram os marcos temporais do Medievo e na Contemporaneidade: a jurisprudência bizantina criada durante o reinado do imperador Justiniano; o sistema de ensino básico e superior a partir do século V, quando a primeira universidade apareceu; o sistema financeiro mais estável na história da humanidade; a diplomacia moderna, com seus princípios básicos, regras de conduta e etiqueta; engenharia bizantina e artes arquitetônicas foram inigualáveis. Ainda hoje, muitas das obras da arquitetura bizantina, como as cúpulas do *Hagia Sophia*, surpreendem o mundo com sua perfeição tecnológica.

Nenhum outro império da história humana durou tanto tempo como Bizâncio. Durante mais de um milênio manteve relações política, econômica, diplomática, religiosa, eclesiástica e cultural de intensidade variável com o sudeste europeu e

¹¹ FORTINO E. F. *L'iniziazione cristiana nella Chiesa Bizantina*. Besa, Roma 1985.



balcânico, como a parte eslava.¹² Em comparação: o grande Império Romano ruiu 800 após a sua criação; o Império Otomano se desfez depois de 500 anos; o império Quing chinês (ou Manchu) caiu depois de 300 anos; o Império Russo durou 200 anos; o britânico, 150; o império Austro-Húngaro durou cerca de 100 anos. Durante seu auge, Bizâncio foi a casa de um sexto de toda a população mundial. O império se estendia desde Gibraltar até o Eufrates e Arábia. Abrangeu os territórios da Grécia moderna e da Turquia, Israel e Egito, Bulgária, Sérvia e Albânia, Tunísia, Argélia e Marrocos, parte da Itália, Espanha e Portugal. Havia cerca de mil cidades em Bizâncio - quase tantas como na Rússia moderna.

A riqueza de Constantinopla, capital do Império, era incalculável; a sua beleza e elegância, espantavam todos os povos europeus, que ainda eram considerados *bárbaros* no momento em que o Império Bizantino estava em seu apogeu. Em 1204, os cruzados, que, usando o pretexto de libertar a Terra Santa, traiçoeiramente pilhavam os tesouros bizantinos. Foram levados, em um fluxo ininterrupto ao longo de cinquenta anos, dezenas de toneladas de moeda em ouro quando, na mesma época, o orçamento anual dos mais ricos países da Europa não era mais de duas toneladas de ouro.

Foi durante o período de saques que o sistema de empréstimo moderno foi criado em Veneza usando tesouros roubados de Constantinopla. O destino financeiro das nações era decidido nessa cidade da Itália. A princípio a maior parte do espólio era facilmente levado pelo mar até Veneza e Lombardia e os primeiros bancos europeus começavam a surgir. Os bancos inglês e holandês, mais reservados do que os italianos contemporâneos e alemães, juntaram-se à atividade um pouco mais tarde. Um fluxo sem precedentes de dinheiro livre nas cidades da Europa Ocidental fazia desenvolver o artesanato, a ciência e as artes. O Ocidente bárbaro se tornava o Ocidente civilizado somente depois que ele tinha assumido, roubado, destruído, o Império Bizantino.¹³

¹² TAVEIRA, C. Da primeira à terceira Roma: considerações acerca do papel de Bizâncio na sucessão histórica e geopolítica de centros de poder imperial. In: GONÇALVES, A. L.; ARAUJO, V. L. de (Orgs.). **Estado, Região e Sociedade**: contribuições sobre história social e política. Belo Horizonte: Argumentam, 2007, pp. 159-171.

¹³ PARENTI S. - VELKOVSKA E. **Mille anni di “rito greco” alle porte di Roma**. Monastero italo-bizantino di Grottaferrata, Grottaferrata, Itália, 2004.



Conclusão

Para se compreender o atual rito litúrgico das Igrejas bizantinas foi preciso traçar o caminho de volta e buscar no passado as razões de sua construção. A forma padronizada da celebração bizantina ainda sobrevive ao tempo e ancora-se junto às famílias que ainda professam esta fé. E, se em cada domingo ou dia de festa, os ritos religiosos exibem, com mais ou menos fulguração, o resultado de uma aliança entre o sagrado e o profano celebrados no passado nos palácios, hoje, são nas naves das catedrais que manifestam sua eternidade.¹⁴

Por rito bizantino entende-se o conjunto de práticas, textos, formação litúrgica, tradições espiritualidade, teologia, que informam o modo de ser cristãos de uma porção ou de uma fração dos fiéis cristãos. A variedade de ritos em uso em igrejas cristãs é derivado da cristalização da diversidade cultural onde o cristianismo se instituía como religião, nas igrejas, catedrais, basílicas e oratórios.

Se no interior das catedrais bizantinas, o espaço religioso organizava, dispunha e preparava os meios para se celebrar coletivamente, o rito colaborava para que se fizesse de forma mais elaborada, não tendo como preocupação primeira escandir como os eventos litúrgicos eram sentidos, mas como era espetacularizada uma fé ou uma crença. Porque a percepção de mundo conglomerado pelo Império e pela Igreja, com suas derivações de sentido, é de natureza individual e pessoal, paradoxalmente, o encontro simbólico de apreensões produzido pela magistralidade de um protocolo seguido à risca em um mesmo espaço, onde se aglomeram muitos espectadores, é coletivo. Os ritos produziam então, lógicas devocionais coletivas por onde orbitavam formas de amostragem de uma fé talhada pelas minúcias dos rituais, trazidas à vida pelo gigantismo das pompas de corte, pela elucubração de gestos e palavras selecionadas.

Atualmente, a despeito do Império ter sido nocauteado pelos otomanos, a cultura litúrgica bizantina ainda permanece graças à sobrevida do cristianismo de vertente ortodoxa.¹⁵ Não ficou esquecida na Idade Média ou no interior dos manuais presos às estantes de bibliotecas de inúmeros Centros de Pesquisa. Ainda se impõe nas Igrejas

¹⁴ RIBICHINI, Sérgio. Sulle tracce del mito. Dei ed eroi greci, tra archeologia e storia delle religioni. IN.: *Archeo*, n. 226, Abril 2007. Roma, Itália.

¹⁵ MEYENDORFF, Jean. *L'Église Orthodoxe*. Paris: Seuil, 1995.



Ortodoxas e, a partir do século XV nas Católicas de Rito Oriental,¹⁶ deixando sobressair uma releitura daquilo que um dia fora espetacularizado com tanta envergadura. Nas paredes das igrejas repletas de ícones, nos paramentos dos clérigos, na arquitetura das construções das capelas e templos o *bizantismo* ainda pulsa. Os bispos com suas coroas, báculo, cruzes, *elgopion* (medalhão com a imagem de Cristo ou de *Theotokos*), capa magna, *triquirion* e *diquirion* (castiçal com três velas na mão esquerda e com duas velas na direita) demonstram a forma como o cristianismo fora entendido, experienciado e assimilado.¹⁷

Por vezes, órfãos de se saber dos porquês da permanência de tanta suntuosidade principesca nas cerimônias e nos paramentos bizantinos, muitos cristãos ocidentais não compreendem que na inalterabilidade dos costumes subjaz a resistência de sobrevida de modos ritualizados e cerimoniais que procuram enaltecer Deus em sua grandeza.¹⁸ Da mesma forma, embriagados pelo simbólico, muitos fieis de tradição bizantina ainda que sintam certo distanciamento entre o cotidiano e o estupor dos faustos celebrativos em cena, procuram se manter em seus pertencimentos, sem que não escapem, vez por outras, algumas interrogações que se faziam notar mais por uma incômoda inadequação do que pela imponência. Os rumores e asseverações por vezes partem dos que observam a falta de justeza entre o que se celebra de forma tão protocolar com uma realidade cotidiana cheia de contradições. Talvez para uma melhor compreensão seja preciso olhar para a História, fazer liames entre marcos temporais procurando distinguir a mentalidade de cada época, para instruir-se das razões que justificaram seu nascimento e compreender sobre a permanência de culturas tão protocolares.

Referências

¹⁶ TAMANINI, Paulo Augusto. Conhecendo o cristianismo Oriental: as Igrejas Ortodoxas e Católicas Orientais presentes no Brasil a partir do século XIX.. In: **Anais do IV Simpósio do GT História das Religiões e Religiosidades da ANPUH**. Joinville: Univille, 2015. v. 5. p. 126-142.

¹⁷POUDERON, Bernard; DUVAL, Yves-Marie. **L'historiographie de l'Église des premiers siècles**. Beauchesne Éditeur, 2012.

¹⁸ ZERNOV, Nicholas. **O cristianismo oriental**. Roma, Basic Books, 1962



- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo. 2.ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- AHRWEILER, H. **L'idéologie politique de l'Empire byzantin**. Paris, 1975.
- ANIN, R. **Constantinople byzantine**. Développement urbain et répertoire topographique. Archives de l'Orient Chrétien, Paris 1964.
- BINNS, John. **Las Iglesias del Oriente**. Madri: Ediciones Akal, 2009.
- CARCIONE, Philip. **As Igrejas Orientais**. Identidade, patrimônio e quadro histórico geral. San Paolo, Cinisello Balsamo, 1998.
- CUROPALATA, Codinus G. **De officiis magnae Ecclesiae et aulae constantinopolitanae**. Venezia 1729.
- FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- FORTINO E. F. **L'iniziazione cristiana nella Chiesa Bizantina**. Besa, Roma 1985.
- FRANCO, Jr., Hilário. **O ano 1000. Tempo de medo ou de esperança?** São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- FRANCO JR, Hilário. **O império bizantino**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.
- GONÇALVES, A. L; ARAUJO, V. L. de (Orgs.). **Estado, Região e Sociedade: contribuições sobre história social e política**. Belo Horizonte: Argumentam, 2007.
- KANTOROWICZ, Ernst H. **Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LEMERLE, Paul. **História de Bizâncio**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MEYENDORFF, Jean. **L'Église Orthodoxe**. Paris: Seuil, 1995.
- MORINI, Enrico. **Os ortodoxos: o Oriente do Ocidente**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- OSTROGORSKY G. **Storia dell'impero bizantino**. Torino, 1993.
- PARENTI S. - VELKOVSKA E. **Mille anni di "rito greco" alle porte di Roma**. Monastero italo-bizantino di Grottaferrata, Grottaferrata, Itália, 2004.
- PERI, Vittorio. **La grande Chiesa bizantina**. L'ambito ecclesiale dell'ortodossia. Italia: Queriniana, 1981.
- POUDERON, Bernard; DUVAL, Yves-Marie. **L'historiographie de l'Église des premiers siècles**. Beauchesne Éditeur, 2012.
- PRANDI, R. PIERUCCI, F. **A realidade das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.



RIBICHINI, Sérgio. Sulle tracce del mito. Dei ed eroi greci, tra archeologia e storia delle religioni. IN.: **Archeo**, n. 226, Abril 2007. Roma, Itália.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

TAFT R. F. **La Liturgia delle Ore In Oriente e in Occidente**. Le origini dell'Ufficio divino e il suo significato oggi. Roma Ed. Lipa, 2001.

TAMANINI, Paulo Augusto. Conhecendo o cristianismo Oriental: as Igrejas Ortodoxas e Católicas Orientais presentes no Brasil a partir do século XIX.. In: **Anais do IV Simpósio do GT História das Religiões e Religiosidades da ANPUH**. Joinville: Univille, 2015.

TAMANINI, Paulo Augusto. Ortodoxia, catolicismo e unidade no contexto do Vaticano II. **Cultura Teológica**. Revista de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Ano XXIII, n. 85 Jan/Jun 2015.

ZERNOV, Nicholas. **O cristianismo oriental**. Roma, Basic Books, 1962.